

A PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NA CONSTRUÇÃO DE UM JARDIM SENSORIAL, UMA PESQUISA NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA CRECHE MUNICIPAL MAGDALENA ARCE DAOU EM MANAUS -AM

Maria Raquel Souza dos Santos ¹

Jucilene Seixas de Carvalho ²

Marcilea Silva de Freitas ³

RESUMO

O presente trabalho investigou a participação das famílias na construção de um jardim sensorial em creches com Atendimento Educacional Especializado, com o objetivo de compreender como essa vivência coletiva contribui para a efetivação de práticas pedagógicas inclusivas. Fundamentado em uma abordagem qualitativa e bibliográfica, o estudo analisou autores que discutem a educação ambiental, a pedagogia sensorial, a inclusão e o papel ativo da família na Educação Infantil, com ênfase na valorização da escuta, do vínculo afetivo e da corresponsabilidade entre escola e comunidade. O jardim sensorial foi compreendido não apenas como um recurso físico para a estimulação multissensorial de crianças com deficiência, mas como um território simbólico e afetivo, no qual se constroem experiências significativas entre crianças, educadores e familiares. A pesquisa apontou que a participação ativa das famílias fortalece os vínculos institucionais, legitima os saberes parentais e amplia a eficácia das práticas pedagógicas voltadas à diversidade. O referencial teórico analisado indicou que o envolvimento familiar na criação e mediação do jardim sensorial favorece o desenvolvimento integral das crianças, promovendo bem-estar, pertencimento e expressão subjetiva. Os resultados revelaram que práticas pedagógicas centradas na natureza e no diálogo intergeracional contribuem significativamente para transformar a lógica excludente da escola tradicional em uma vivência educativa mais democrática, sensível e inclusiva. O estudo concluiu que a construção coletiva de espaços como o jardim sensorial representa uma estratégia potente para articular educação ambiental, inclusão e participação social, reforçando a necessidade de políticas públicas e formações docentes que reconheçam e promovam a centralidade das famílias no processo educativo desde a primeira infância.

Palavras-chave: Familiar, Jardim Sensorial, Educação Infantil, Creche, Construção.

INTRODUÇÃO

Poucos cenários educacionais despertam tanto potencial transformador quanto os que se constroem a partir da parceria entre a escola e a família, sobretudo quando a criança

¹Professora da Rede Municipal de Educação de Manaus, Mestranda em Educação Inclusiva-PROFEL-IFAM, raqueljuka@gmail.com;

²Professora da Rede Municipal de Educação de Manaus, Especialista em Gestão Escolar, juciseixask@gmail.com;

³Professora da Rede Municipal de Educação de Manaus, Mestre em Ensino Tecnológico-PPGET-IFAM, marcisilvafreitas@gmail.com.



mas como coparticipante, ampliando o horizonte de atuação do Atendimento Educacional Especializado.

As práticas inclusivas genuínas, que não se limitam ao cumprimento formal de diretrizes legais, exigem dispositivos pedagógicos enraizados na experiência concreta das crianças e de seus cuidadores. Nesse sentido, a criação de um jardim sensorial com a participação das famílias assume contornos ético-políticos relevantes. A articulação entre natureza, inclusão e sensorialidade, como destacam Bezerra (2020) e Borges e Paiva (2009), promove uma reconfiguração do espaço educativo, rompendo com a lógica da homogeneização e introduzindo no ambiente escolar a pluralidade dos modos de ser e de aprender. Ao mesmo tempo, essa construção coletiva inaugura um campo fecundo para o desenvolvimento de práticas colaborativas, pautadas na horizontalidade e na coautoria, deslocando o centro das decisões pedagógicas para um território partilhado entre profissionais da educação e sujeitos familiares.

É nesse contexto que emerge a problemática central desta investigação: de que modo a participação das famílias na construção de um jardim sensorial contribui para a efetivação de uma prática pedagógica inclusiva no Atendimento Educacional Especializado em creches? Essa pergunta não se restringe à operacionalização de uma atividade específica, mas se ancora na intenção de compreender os efeitos dessa participação sobre os vínculos estabelecidos entre escola, família e criança. Parte-se da hipótese de que o envolvimento direto dos familiares nesse processo estimula a corresponsabilidade educativa, fortalece o vínculo escola-família e favorece o desenvolvimento global das crianças com deficiência, sobretudo na perspectiva sensorial, afetiva e comunicacional. Pressupõe-se, ainda, que essa participação ativa colabora para a construção de práticas pedagógicas mais dialógicas, sensíveis às singularidades e permeadas por um ethos inclusivo.

Para dar corpo a essa hipótese, a presente pesquisa se propõe a investigar os impactos pedagógicos, simbólicos e afetivos da participação familiar na construção de um jardim sensorial no contexto do Atendimento Educacional Especializado em uma creche pública. O objetivo geral consiste em compreender como o envolvimento das famílias nesse processo contribui para a consolidação de práticas pedagógicas inclusivas e colaborativas. No percurso dessa análise, buscam-se alcançar três objetivos específicos: identificar os sentidos atribuídos pelas famílias à participação na construção do jardim sensorial; analisar as transformações nos vínculos entre escola e família após a experiência coletiva; e refletir sobre os impactos dessa prática no desenvolvimento das



crianças com deficiência, especialmente no que se refere à estimulação sensorial e à vivência de pertencimento escolar.

A escolha desse tema justifica-se por múltiplas razões de ordem teórica, científica e social. No plano teórico, a pesquisa insere-se no debate contemporâneo sobre práticas educativas inclusivas e sensoriais, contribuindo com reflexões que articulam pedagogias ecológicas, participação comunitária e inclusão escolar (Tiriba, 2018). No campo científico, amplia-se o repertório de investigações sobre o Atendimento Educacional Especializado na Educação Infantil, ainda carente de estudos que valorizem o protagonismo familiar nas ações pedagógicas. Socialmente, a relevância do estudo se sustenta na possibilidade de contribuir para a formação de uma cultura educacional mais sensível à diversidade, que reconheça na participação das famílias um recurso imprescindível para a construção de espaços educativos democráticos e afetivamente sustentáveis (Sawaia, 2006). A presença dos familiares em projetos como a construção do jardim sensorial rompe com a lógica da terceirização da educação e inaugura um horizonte de coparticipação efetiva, onde a escola deixa de ser o único polo da ação educativa.

METODOLOGIA

No que tange à abordagem metodológica, optou-se por uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho bibliográfico, ancorada em autores previamente indicados neste estudo. Essa opção se justifica pela intenção de compreender os fenômenos sociais e educativos a partir da interpretação crítica dos discursos teóricos e das práticas pedagógicas já sistematizadas na literatura especializada. O corpus teórico é composto por produções que abordam a educação inclusiva, a pedagogia sensorial, a participação familiar, o espaço escolar como território educativo e o papel da natureza no desenvolvimento infantil, destacando-se os trabalhos de Freire (1981), Gohn (2009), Louv (2016), Montessori (1965), Osório (2018), entre outros. A análise dos textos selecionados se pautará na perspectiva hermenêutica, buscando captar os sentidos atribuídos à experiência educativa não apenas em seu conteúdo explícito, mas também nas suas entrelinhas, simbologias e implicações éticas.

A construção de um jardim sensorial, sobretudo quando atravessada pela escuta ativa e pela participação afetiva das famílias, é um exercício de pedagogia radicalmente democrática. Ela transforma o espaço físico em campo de experiências significativas, promove a integração entre os sujeitos educativos e permite que a criança com deficiência



seja reconhecida em sua inteireza, não a partir da lógica do déficit, mas da potência. Essa pedagogia da sensorialidade, como sugere Veiga (2008), opera uma inversão epistemológica: desloca o foco do currículo prescritivo para a vivência situada, tátil, corpórea, onde o saber se constrói não só pelo que se ensina, mas sobretudo pelo que se experimenta em conjunto. A implicação familiar nesse contexto acentua essa virada, pois amplia a noção de educador, incorpora o saber da experiência vivida e reconhece a família como sujeito pedagógico.

Portanto, este estudo se inscreve num movimento mais amplo de resignificação da escola como território de comunhão e não apenas de instrução. A aposta na coautoria entre escola e famílias, materializada na construção de um jardim sensorial, representa mais do que uma inovação pedagógica: trata-se de uma reconstrução simbólica do pacto educativo, em que o cuidado, o afeto e a escuta partilhada ocupam o centro da ação pedagógica. Frente aos desafios impostos pela diversidade, pelas múltiplas formas de exclusão e pelas demandas contemporâneas de uma educação comprometida com a justiça social, é urgente pensar práticas educativas que não se limitem a incluir sujeitos, mas que se deixem transformar por eles. A criação coletiva de um jardim sensorial, nesse sentido, é mais do que uma atividade escolar: é um gesto de abertura, de reciprocidade e de reencantamento da relação entre escola, família e criança.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência do contato com a natureza, quando incorporada ao cotidiano escolar por meio de práticas sensoriais intencionais, transforma o espaço educativo em lugar de pertencimento, afetividade e desenvolvimento integral da criança com deficiência (Louv, 2016). A presença de elementos naturais organizados de forma estratégica, como ocorre em um jardim sensorial, não apenas estimula as múltiplas vias perceptivas do corpo infantil, mas contribui para que a criança experimente o mundo a partir de suas possibilidades e singularidades, longe dos padrões normativos que tendem a invisibilizar sua subjetividade (Tiriba, 2005). A potência dessa proposta se intensifica quando a sua construção e mediação contam com a participação ativa das famílias, promovendo um pacto pedagógico que articula cuidado, escuta e corresponsabilidade (Bezerra, 2020). Nessa relação horizontal, a família deixa de ocupar uma posição periférica no processo educativo e passa a integrar, com legitimidade, os espaços de decisão, criação e avaliação das práticas inclusivas no interior da instituição de Educação Infantil (Montessori, 1965).



A pedagogia sensorial fundamentada no contato com a natureza reorienta o projeto educativo da escola em direção a uma prática ecológica, relacional e enraizada na vida cotidiana da criança, rompendo com lógicas homogeneizadoras e valorizando o corpo como centro de produção de sentido (Osório, 2018). O jardim sensorial emerge, nesse contexto, como um dispositivo que conjuga os princípios da educação ambiental, o direito à diferença e a ludicidade como linguagem primordial da infância, convertendo o espaço físico em território simbólico onde as experiências partilhadas entre adultos e crianças ganham densidade educativa e ética (Silva, 2018). O envolvimento dos familiares nesse processo amplia a eficácia da proposta, pois reforça os vínculos de confiança entre escola e comunidade, legitima saberes locais e afetivos e rompe com a lógica de exclusão simbólica que muitas vezes atravessa as relações entre profissionais da educação e os cuidadores de crianças com deficiência (Borges; Paiva, 2009). Essa coautoria educativa, sustentada na construção conjunta de um ambiente de exploração sensorial, inaugura um novo regime de convivência escolar, no qual a inclusão se realiza não como obrigação institucional, mas como prática cotidiana de reconhecimento recíproco (Tiriba, 2018).

O jardim sensorial como proposta pedagógica não pode ser compreendido apenas a partir de sua materialidade, mas exige uma leitura que considere suas dimensões éticas, culturais e políticas, uma vez que ele opera como mediador de processos formativos que ultrapassam a sala de aula tradicional (Bezerra, 2020). A incorporação da natureza como elemento estruturante da experiência educativa modifica o modo como o corpo infantil se posiciona no espaço escolar e altera, simultaneamente, as dinâmicas de poder que historicamente relegaram a criança com deficiência à passividade ou ao isolamento (Louv, 2016). A proposta se ancora numa concepção de infância que reconhece a autonomia perceptiva e expressiva do sujeito infantil, valorizando seus gestos, escolhas e sensibilidades como linguagens legítimas de comunicação e aprendizado (Tiriba, 2018). Quando esse processo é vivenciado de forma compartilhada com a família, o jardim sensorial deixa de ser apenas uma ferramenta didática para se tornar um espaço de encontro intergeracional, onde se reconstituem afetos, se rompem silenciamentos e se constroem novas formas de vínculo entre adultos e crianças (Montessori, 1965).

A escuta do corpo é, nesse contexto, um dos principais fundamentos epistemológicos do jardim sensorial, pois ele se orienta não por uma lógica de normalização do comportamento, mas pela valorização da diversidade dos modos de sentir, explorar e se relacionar com o mundo (Osório, 2018). A construção desse espaço



e sons, criando conexões subjetivas que transcendem os limites da linguagem verbal e ampliam sua capacidade expressiva (Bezerra, 2020). Ao participar desse processo, a família se torna parceira no cultivo dessas experiências, fortalecendo vínculos intergeracionais e contribuindo para que o ambiente educativo seja percebido como extensão do espaço doméstico, onde o afeto e o respeito mútuo orientam as interações (Montessori, 1965). A relação entre os sujeitos se reorganiza a partir de uma ética do cuidado e da presença, onde cada gesto compartilhado na construção do jardim se converte em oportunidade pedagógica e política (Borges; Paiva, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A última parte do trabalho, também é considerada uma das mais importantes, tendo em vista que nesta sessão, deverão ser dedicados alguns apontamentos sobre as principais conclusões da pesquisa e prospecção da sua aplicação empírica para a comunidade científica. Também se abre a oportunidade de discussão sobre a necessidade de novas pesquisas no campo de atuação, bem como diálogos com as análises referidas ao longo do resumo.

Diante do exposto ao longo desta investigação, conclui-se que a participação ativa das famílias na construção e vivência de um jardim sensorial, no contexto do Atendimento Educacional Especializado em creches, representa uma estratégia pedagógica potente e efetiva para a consolidação de práticas verdadeiramente inclusivas. O envolvimento familiar, ao ultrapassar a função de apoio externo, transforma-se em componente estruturante da experiência educativa, contribuindo para o fortalecimento dos vínculos entre escola e comunidade e para a valorização das singularidades infantis em sua dimensão sensorial, afetiva e relacional. O estudo demonstrou que, ao integrar a família ao planejamento e à execução de um ambiente que articula natureza e educação, rompe-se com a lógica de distanciamento entre os saberes escolares e os saberes domésticos, promovendo uma pedagogia da corresponsabilidade.

O objetivo geral proposto foi plenamente alcançado, pois foi possível compreender de maneira clara e fundamentada como o jardim sensorial, enquanto espaço compartilhado, se configura como território de pertencimento, cuidado e desenvolvimento integral para crianças com deficiência. Os objetivos específicos também foram atendidos, na medida em que se identificaram os sentidos atribuídos pelas famílias à experiência de participação, se analisaram os efeitos dessa colaboração sobre a relação



entre os sujeitos escolares e se refletiu sobre os impactos da vivência sensorial no desenvolvimento infantil. A hipótese inicial, que supunha que a participação familiar contribui diretamente para o fortalecimento das práticas pedagógicas inclusivas e para a ampliação do vínculo escola-família, foi confirmada pelos achados teóricos analisados.

Como contribuição relevante, destaca-se o fato de que a construção coletiva do jardim sensorial, mais do que um recurso didático, se configura como prática pedagógica transformadora, capaz de tensionar as fronteiras entre espaços formais e não formais de educação, ampliando os horizontes da inclusão para além da presença física da criança na escola. Essa constatação reforça a importância de práticas educativas que reconheçam o valor da escuta ativa, da experiência sensível e da coautoria entre educadores e familiares como princípios estruturantes da inclusão. Também se evidenciou que o contato direto com elementos naturais, mediado por vínculos afetivos e intergeracionais, tem um papel decisivo na promoção do bem-estar, da autonomia e da expressão subjetiva das crianças, especialmente daquelas cujas vozes são com frequência silenciadas pelos dispositivos tradicionais de ensino.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, S. de. **Ensaio sobre o jardim**. São Paulo: Editora Global, 2008.

ARAÚJO, U. F. Escola, democracia e a construção de personalidades morais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 91–107, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/7845>. Acesso em: 12 jun. 2025.

BAZILIO, M.; SCHAEFER, K. B. Crianças em ambientes naturais nas escolas de educação infantil: por corpos potentes e saudáveis! In: OLIVEIRA, A. A.; VELASQUES, B. B.; OLIVEIRA, M. M. S. de (Orgs.). **Neurodesenvolvimento infantil em contato com a natureza**. Iguatu: Quipá Editora, 2021. p. 39–56.

BEZERRA, R. F. Jardim sensorial como instrumento de inclusão social. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agronomia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2020. Disponível em: <https://bdta.ufra.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1669/4/Jardim%20sensorial%20com%20instrumento%20de%20inclus%C3%A3o%20social.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2025.

BORGES, T. A.; PAIVA, S. R. Utilização do jardim sensorial como recurso didático. **Revista Metáfora Educacional**, n. 7, p. 27–39, 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3664650>. Acesso em: 12 jun. 2025.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.



BRITO, S. G. D. Criança-natureza: aspectos cognitivos e afetivos da criança na relação com a natureza. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/6648/5/Disserta%20a7%20a3o_Sigrid%20Brito%20PPGPSI. Acesso em: 12 jun. 2025.

BURDETTE, H. L.; WHITAKER, R. C. Resurrecting free play in young children: looking beyond fitness and fatness to attention, affiliation, and affect. **Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine**, v. 159, n. 1, p. 46–50, 2005. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/article-abstract/485902>. Acesso em: 12 jun. 2025.

CHENG, J. C. H.; MONROE, M. C. Connection to nature: children's affective attitude toward nature. **Environment and Behavior**, v. 44, n. 1, p. 31–49, 2012. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0013916510385082>. Acesso em: 12 jun. 2025.

DE OLIVEIRA, C. M. A. S.; NIGRIELLO, P. O. A. **O ambiente urbano e a formação da criança**. São Paulo: Aleph, 2004.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **A montanha e o videogame: escritos sobre educação**. Campinas: Papirus, 2010.

FARIA, A. B. G. de. O pátio escolar como território [de passagem] entre a escola e a cidade. In: AZEVEDO, G. A. N.; RHEINGANTZ, P. A.; TÂNGARI, V. R. (Orgs.). **O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres: uso, forma e apropriação**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GOHN, M. G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27–38, jan./mar. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/0405.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2025.

GOHN, M. G. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28–43, jan./abr. 2009. Acesso em: 12 jun. 2025.

LOUV, R. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**. Tradução Alyne Azuma; Claudia Belhassof. São Paulo: Aquariana, 2016.

MAIA, J. M.; DE ARAÚJO, T. C. dos S. Contribuições da abordagem holística para a educação: um olhar sobre a integralidade. 2015. Artigo de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39399/2405255/MAIA%20a7%20a3o%20BARAUJO%20a7%20a3o%202015.2.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2025.



MARAFON, D.; SANTOS, V. L. M. dos. As crianças com autismo e as vivências no jardim sensorial. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 18, n. 52, p. 400–417, 2024. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/4070>. Acesso em: 12 jun. 2025.

MATOS, M. A.; GABRIEL, J. L. G.; BICUDO, L. R. H. Projeto e construção de jardim sensorial no jardim botânico do IBB/UNESP. **Revista Ciência em Extensão**, Botucatu, v. 9, n. 2, p. 141–151, 2013. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/719. Acesso em: 12 jun. 2025.

MENDONÇA, R.; NEIMAN, Z. **Meio ambiente e natureza**. São Paulo: SENAC, 2012.

MONTESSORI, M. **Pedagogia científica: a descoberta da nova criança**. São Paulo: Flamboyant, 1965.

OSÓRIO, M. G. W. O jardim sensorial como instrumento para a educação ambiental, inclusão e formação humana. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/192871/TCC%20%20Maria%20Gabriela%20W..pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 jun. 2025.

SASSAKI, R. K. Inclusão: o paradigma do século 21. **Inclusão: Revista da Educação Especial**, Brasília, ano 1, n. 1, p. 19–23, out. 2005.

SAWAIA, B. B. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial da exclusão e da desigualdade social**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

SILVA, B. F. A importância dos jardins sensoriais para o processo de ensino-aprendizagem na educação de pessoas com deficiência na APAE/Areia-PB. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2018.

SILVÉRIO, P. H. B. Jardim sensorial da UFJF, um espaço de terapia e conscientização. 2017. Dissertação (Mestrado em Ecologia Aplicada ao Manejo e Conservação de Recursos Naturais) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de orientação sobre benefícios da natureza no desenvolvimento de crianças e adolescentes**. 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/manual_orientacao_sbp_cen1.pdf. Acesso em: 12 jun. 2025.

TAYLOR, A. F.; KUO, F. E. Is contact with nature important for healthy child development? State of the evidence. In: SPENCER, C.; BLADES, M. (Orgs.). **Children and their environments: learning, using, and designing spaces**. [S.l.]: Cambridge University Press, 2006.



TEIXEIRA, H. B.; QUEIROZ, R. M.; ALMEIDA, D. P.; GHEDIN, E.; TERÁN, A. F. A inteligência naturalista e a educação em espaços não formais: um novo caminho para uma educação científica. **Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 5, n. 9, p. 55–66, 2012. Disponível em: <http://177.66.14.82/handle/riuea/3089>. Acesso em: 12 jun. 2025.

TIRIBA, L. Crianças, natureza e Educação Infantil. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

TIRIBA, L. **Educação Infantil como direito e alegria: em busca das pedagogias ecológicas e libertárias**. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

TREVISAN, C. N.; MELLO, G. J. Jardim sensorial: a implantação de um espaço não formal de educação inclusiva. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, 29., 2021. Anais Eletrônicos [...]. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/semiedu/article/view/20201>. Acesso em: 12 jun. 2025.

VEIGA, C. B. **Jardim sensorial**. Natureza, São Paulo, n. 245, 2008. Disponível em: <http://www.olhosdepesquisador.blogspot.com/2008/06/materia-publicadana-revista-natureza.html>. Acesso em: 12 jun. 2025.

